



LABIRINTO

UM PROGRAMA ORIGINAL DE EVERTON BRANDÃO
DIREÇÃO GLAYDSON SILVA
DIREÇÃO GERAL JOÃO PAULO RITTER
DIREÇÃO ARTÍSTICA EVERTON BRANDÃO
EPISÓDIO #5 09 DE MARÇO DE 2026



Curioso como existem autores que tratam livros quase como quem evita entrar numa biblioteca cheia de janelas abertas. Preferem ficar no corredor, olhando de longe, e ainda assim acham estranho quando veem alguém carregando pilhas e pilhas de páginas escritas. Torcem o nariz, chamam de exagero, como se escrever muito fosse algum tipo de exibicionismo. Mas a verdade é que escrever é um pouco como cozinhar: quem nunca prova outros pratos dificilmente aprende novos temperos. Ficar só repetindo a própria receita pode até matar a fome por um tempo, mas dificilmente vira um grande banquete.

A leitura é justamente isso: o lugar onde as ideias respiram, se misturam, se provocam. Cada livro é uma conversa atravessando o tempo, um jeito de ampliar o repertório, de aprender novos ritmos para a linguagem. Quando alguém decide escrever sem gostar de ler, é como querer navegar evitando o mar: dá até para fingir que o barco anda, mas ele não vai muito longe.

No fim, quem critica o excesso de páginas dos outros talvez esteja apenas incomodado com o silêncio que existe nas próprias estantes.





EVERTON: Estamos começando mais uma edição do nosso icônico e jamais visto: LABIRINTO! Bora chegando, minha senhora! Chegue com seu cházinho, seu cafézinho, com o que você tomar, pois aqui... o papo é entretenimento. Essa semana tivemos umas certas agitações, mas ainda sim hoje é um programa pra tirar leite de pedra e é assim que a gente trabalha. Sejam todos bem-vindos. E aí, Pedro? Como está?

PEDRO:

EVERTON: Hoje o programa tá aquela delacinha, olha... Vou contar pra vocês. Temos muitas novidades para esse mês de Março e vai tá daquele jeito. Para começar, na última semana nossa diva das matérias, a Felipa Lima divulgou a segunda edição do Festival Carta Aberta. Para quem não lembra, o Carta Aberta é aquele festival onde os autores divulgam suas próximas estreias, mas também divulgam parte do seu catálogo. É como um artista fazendo uma tour, sabe? Uma coisa meio Comic Con com Lollapalooza, eu acho tudo. É um tipo de novidade que faltava no Mundo Virtual.

EVERTON: A Felipa já soltou alguns nomes bem conhecidos como Melqui Rodrigues, Guilherme Almeida, Marcos Vinícius e entre outros. Teremos novidades para esse ano também. Roda a matéria pra gente descobrir o que vem por aí.



FESTIVAL CARTA ABERTA RETORNA EM MARÇO E PROMETE SACUDIR O MUNDO VIRTUAL COM NOVOS NOMES, REVISITAS E DISPUTA POR PRODUÇÕES INÉDITAS

O Mundo Virtual volta a ganhar um de seus principais palcos. Nos dias 21 e 22 de março, acontece mais uma edição do Festival Carta Aberta, evento idealizado por Felipa Lima, criadora do Portal Felipa, que desde o ano passado tenta consolidar um encontro anual dedicado a valorizar trajetórias autorais, discutir projetos e apresentar novas produções.

2ª EDIÇÃO

PORTAL FELIPA APRESENTA

FESTIVAL CARTA ABERTA

21 E 22 DE
MARÇO

Conheça o banner oficial da nova edição. A estética para esse segundo novo encontro aposta em algo mais clássico, mas sem deixar de ter a inovação proposta por Felipa Lima.



A proposta do festival é direta, mas ambiciosa: reunir autores que produzem para diversas emissoras, criando um espaço de visibilidade para projetos que muitas vezes são mais

interessantes que as próprias tramas exibidas na televisão ou no streaming. Se a primeira edição serviu como experimento, a nova promete ampliar o alcance do evento, apostando em nomes conhecidos e também em autores de diferentes áreas do MV.

Entre os autores confirmados estão alguns que já passaram pelo palco do festival e retornam agora com novas perspectivas. É o caso de Michelli Cristina, que na edição anterior chamou atenção ao apresentar uma série ambientada em Nova York, produção que chamou atenção por ser desconhecida. Outro retorno é o de Guilherme Almeida, responsável por apresentar, no ano passado, os planos de expansão da franquia Corrompidos, um dos universos narrativos mais comentados. Entretanto, a edição de 2026 não pretende viver apenas de reencontros. O festival abre espaço para novas presenças, como Melqui Rodrigues e Marcos Vinícius. Marcos deve usar o evento como vitrine para apresentar projetos inéditos que ainda vêm sendo desenvolvidos e mantidos sob certo sigilo. Já Melqui aposta em outro caminho: revisitar a própria trajetória, trazendo de volta produções que marcaram sua carreira e que conquistaram reconhecimento dentro do circuito de obras independentes.

Segundo a organização, a edição deste ano também passará por uma reformulação estética, com nova identidade visual e um formato pensado para ampliar o diálogo entre autores e público. A aposta de Felipa Lima é clara: transformar o Festival Carta Aberta em um ponto de convergência entre diferentes polos de criação — desde autores vinculados a emissoras de sites até criadores que emergiram no YouTube e em plataformas digitais. Outro elemento que retorna ao evento é a premiação oficial do festival. Assim como ocorreu na edição passada, o encontro será encerrado com a entrega de troféus dedicados às melhores produções inéditas, uma tentativa de estimular novos projetos e reconhecer obras que ainda estão dando seus primeiros passos.

Mais do que uma simples vitrine, o Festival Carta Aberta parece caminhar para se tornar um espaço simbólico de legitimação dentro do Mundo Virtual.



AUTORES DO MV CELEBRAM VOLTA DO FESTIVAL CARTA ABERTA: “UM ESPAÇO PARA MOSTRAR NOSSAS HISTÓRIAS”

O clima é de expectativa no Mundo Virtual. A segunda edição do Festival Carta Aberta se aproxima e já movimentou autores e leitores com promessas de anúncios, reprises e novas estreias. Para entender o que vem por aí, o programa *Labirinto* conversou com alguns dos criadores que estarão no evento e a animação é praticamente unânime.

Felipe Vieira vê o festival como um momento essencial para quem cria histórias no MV. Para ele, iniciativas assim ajudam a manter o ambiente criativo vivo e pulsante. *“Minhas expectativas são positivas. Acho um evento muito importante para o Mundo Virtual como um todo. É uma oportunidade de apresentar novas histórias e produções que podem virar grandes sucessos”,* comentou. Leo Cardz também chega ao evento com novidades na manga e não são poucas. O autor contou que a edição deste ano será palco para anúncios aguardados pelo público. *“Minhas expectativas estão a mil. Vou apresentar algumas novidades para o MV neste ano”,* adiantou. Entre elas, a reprise de *“Travessia”* e a estreia da nova novela *“Império de Areia”*, ambas pela ONTV.

Para João Paulo Ritter, o festival tem um significado especial. Mesmo lembrando que a edição anterior teve alguns contratemplos, ele prefere olhar para frente. *“A expectativa é grande. Eu gostei muito do evento no ano passado e acredito que ele seja um espaço importante para divulgar nossas histórias para toda a comunidade do MV”,* afirmou. Marcos Vinicius segue a mesma linha e destaca o potencial do festival para ampliar o alcance das obras. *“Estou ansioso. É uma ótima oportunidade para divulgar projetos para um público maior e conquistar novos leitores”,* disse. Já Micheli Cristina chega representando a força das parcerias criativas. A autora confirmou que preparou material especial para apresentar no evento. *“As expectativas são boas, estou ansiosa. Já enviei alguns projetos e também o trailer de Zarqa, a profetisa do deserto, que escrevo em parceria com Vinícius Pinheiro”,* revelou.

Com autores animados e novidades no horizonte, a segunda edição do Festival Carta Aberta promete movimentar o Mundo Virtual mais uma vez — não só com anúncios e estreias, mas também reforçando o espírito de comunidade que mantém esse universo criativo sempre em movimento.



EVERTON: É isso, pessoal. O Festival Carta Aberta está chegando e é claro, que o Labirinto não poderia ficar de fora dessa.

EVERTON: Em primeira mão, vamos revelar mais dois nomes que irão participar desta edição. Segue a lista:



EVERTON: O primeiro nome confirmado aqui no labirinto é FRED REIDS. Ele é o presidente da Estúdio Webs e autor de diversas tramas. No ano passado, ele trouxe três produções que estrearam na Estúdio, sem falar que alguma delas chegou a ganhar alguns prêmios na premiação do Festival e foi indicado aos Prêmios Gêneros 2025. Ou seja, a participação de Reids foi um grande acerto, sem sombra de dúvidas. Trouxe uma visibilidade para emissora, para ele e pode expandir mais produções. Esperamos novidades, é claro. Bora ver no que é que isso dá!!!

EVERTON: O outro confirmado para essa edição é ninguém menos que FERNANDO GIBELI RICOBONI. Ele mesmo, galera. O autor recentemente finalizou a série “451”, também da Estúdio Webs. Recebeu 94 da crítica da Felipa no seu episódio final. Crítica essa que gerou um certo burburinho nos bastidores do Mundo Virtual. O autor que acumula sucessos desde o seu tempo no Megapro, agora emplaca sucessos na Estúdio Webs. Para quem não lembra, o Fernando escreveu “Homem com H”, que acabou levando o prêmio de Melhor Comédia nos Gêneros do ano passado. O autor chega no Festival com tudo. Não vai dar para perder.





EVERTON: Esse Festival vai render horrores, meus amores! (T) Agora, falando ainda de Ricoboni, o autor de 451, o nosso repórter Pedro foi até o autor e fez uma matéria especial com o próprio. Roda pra gente!



POR DENTRO DE 451

Por Pedro Montanaro



PEDRO: Se você acompanha o Labirinto, já sabe: a gente adora uma boa história para mergulhar de cabeça. E dessa vez o mergulho foi fundo no universo de 451, a série brasileira que está dando o que falar ao adaptar livremente o clássico de Ray

Bradbury para uma realidade distópica bem nossa.

PEDRO: Conversamos com Fernando, o criador da série, e ele não só topou nosso papo como entregou respostas que são verdadeiras camadas de cebola, cada frase revela um novo sentido. Preparado? Vem com a gente.



Um dos pontos centrais da história é Rael, personagem que carrega uma das trajetórias mais complexas da série. Segundo Fernando, a possibilidade de redenção do personagem não é algo simples e essa é justamente a proposta da narrativa. Rael veio de dentro do próprio sistema que sustenta o regime autoritário retratado na trama. Treinado para obedecer e marcado por experiências profundas, ele passa a confrontar não apenas o regime que ajudou a manter, mas também o próprio passado. A jornada, portanto, não se resume a uma luta externa: é também um embate interno, marcado por dúvidas, culpa e questionamentos sobre até que ponto alguém que participou da engrenagem

do poder pode realmente se transformar. O próprio criador afirma que a resposta definitiva ainda pertence à história.

Outro eixo importante é a relação entre Lydia e Rael. Diferente de romances convencionais, o vínculo entre os dois nasce em meio à desconfiança. Em um mundo onde confiar em alguém pode significar risco, a aproximação entre eles surge de maneira cautelosa, quase como um gesto de sobrevivência. Mais do que romance, a relação é construída sobre memória, propósito e a necessidade de seguir adiante em um ambiente hostil. A série trabalha constantemente com a ideia de que esperança e tragédia caminham lado a lado, e esse relacionamento reflete bem essa tensão.

Entre os elementos mais simbólicos da trama estão os chamados Memorizadores, responsáveis por preservar o conhecimento em um mundo onde livros são destruídos. Para Fernando, eles representam uma das ideias centrais da série: a memória como forma de resistência. Quando o regime tenta eliminar livros, ele não busca apenas destruir objetos, mas apagar a capacidade coletiva de lembrar. Nesse cenário, a transmissão oral do conhecimento se torna um gesto



político e cultural. Ao mesmo tempo, essa forma de preservação é extremamente frágil, pois depende de pessoas, de lembranças e da continuidade de uma tradição que pode desaparecer sob a pressão do sistema.

No campo dos antagonistas, Keller se destaca como uma figura que vai além do arquétipo clássico de vilão. De acordo com o criador, o personagem representa o próprio funcionamento do sistema autoritário. Ele acredita na ordem que defende, mas começa a perceber fissuras dentro dessa estrutura. Essa ambiguidade torna Keller particularmente interessante: ele observa, analisa e age de maneira estratégica, o que aumenta a tensão narrativa, especialmente quando se aproxima da resistência. Os livros, por sua vez, não aparecem apenas como símbolos nostálgicos de um passado perdido. Ao longo da série, fragmentos de textos e registros passam a revelar informações que o próprio sistema tentou ocultar. Esses pedaços de conhecimento acabam ganhando um peso muito maior, sugerindo que a memória preservada pode se transformar em uma ferramenta poderosa contra o controle imposto pelo regime.

Em meio a esse cenário distópico, a busca de Rael por sua mãe introduz um dos elementos mais humanos da narrativa. Para Fernando, lembrar de alguém que existiu já se torna, por si só, um gesto poderoso em um mundo que tenta apagar identidades. Mais do que encontrar uma pessoa, essa busca representa a tentativa de recuperar quem Rael era antes de ser moldado pelo sistema. A figura da mãe passa a simbolizar tudo aquilo que o regime tentou apagar, não apenas pessoas, mas histórias e vínculos. A própria resistência, aliás, não surge inicialmente como um movimento organizado. Ela nasce de pequenos gestos: pessoas tentando preservar fragmentos de conhecimento, lembranças e histórias que correm risco de desaparecer. A série levanta uma questão importante: em um sistema tão opressor, seria possível uma revolta aberta? Ou a verdadeira resistência acontece de forma silenciosa, através da memória, da palavra e de atos discretos de desobediência? Conforme a trama avança, essas duas possibilidades começam a se aproximar, sugerindo que a circulação da memória pode transformar pequenas ações em algo muito maior. Os títulos de alguns episódios também dialogam diretamente com esses temas. “Tela Branca”, por exemplo, remete ao vazio deixado quando a história é apagada. Já “Apagados” amplia essa ideia ao tratar do desaparecimento completo de indivíduos da narrativa do mundo. Nesse contexto, o controle do passado se torna uma ferramenta fundamental de dominação: quando alguém é apagado, não é apenas sua vida que se perde, mas também a memória que poderia desafiar o sistema.

E, para os fãs da série, uma notícia animadora surgiu durante a conversa. Questionado sobre o futuro de *451*, Fernando confirmou que a história ainda está longe de terminar: a série terá uma segunda temporada. Com isso, o universo da produção promete se expandir, aprofundando ainda mais as perguntas que movem a trama, especialmente aquelas relacionadas à memória, identidade e resistência.



EVERTON: Obrigado pela matéria, Pedro! Ficou excelente! Desejo também todo sucesso para o Fernando. Ele é um autor que realmente se esforça para entregar um bom conteúdo. Agora, bora estreia? BORA!

EVERTON: Na semana passada estreou a novela “Intolerância” de Breno Stocco, obviamente inspirada em “Brilhante”, do Gilberto Braga. Agora, uma coisa que eu acho mais interessante nessa situação toda: é que o próprio Gilberto Braga tinha planos de escrever uma novela chamada “Intolerância”, que era inspirada em Brilhante. Que coincidência, hein Breninho? Pegando a ideia pronta e só executando, é interessante, mas o importante é você colocar a sua personalidade na trama.



EVERTON: A primeira impressão é clara: estamos diante de uma história que sabe exatamente qual é o seu território. É o tipo de ambiente em que todo mundo parece elegante até abrir a boca. O autor bebe muito do Gilberto Braga, até porque né... Enfim, vamos em frente.

EVERTON: No centro desse universo está Inácio, o personagem funciona porque sua dor nunca é completamente silenciosa, mas também nunca vira panfletos. Há ironia, há ressentimento, há uma autodestruição. Chica, a matriarca é um retrato afiado da elite que acredita mais em aparência do que em afeto. Ela não é vilã caricata; é pior. É aquela figura socialmente admirável que faz do controle um modo de vida e da reputação uma religião. Narrativamente, a escolha de concentrar a estreia em um evento social é inteligente. Festas em novelas são territórios férteis para tragédias sociais: todo mundo reunido, máscaras no lugar, esperando apenas o momento em que alguém vai rasgá-las. Aqui, esse alguém é Inácio. E quando ele sobe ao palco, bêbado e furioso, a história finalmente para de fingir que é apenas um drama elegante.

EVERTON: A novela criou uma atmosfera muito potente nesse primeiro capítulo e soube apresentar muito bem, ainda que exista algumas ressalvas. A narrativa se dispersa em muitas apresentações de personagens e situações sem que exista uma progressão dramática realmente orgânica entre elas. Várias cenas parecem funcionar mais como vitrines para apresentar figuras da trama do que como peças que movem a história para frente, o que faz o episódio demorar a encontrar seu eixo central.

EVERTON: O resultado é um primeiro capítulo que, embora tenha boas ideias e um final impactante, às vezes soa como algo que precisa ir além. Eu, aparentemente gostei, bebei demais da fonte do Gilberto, quase emulou o próprio Gilberto, mas soube colocar personalidade. Diferente daquele outro rapaz que transforma Salvador no Rio de Janeiro porque é obcecado por Manoel Carlos, o Breno soube dar o tom necessário, bebei demais do Gilberto, mas colocou sua assinatura. Tem que melhorar? Em muitos pontos sim, mas é um início promissor.



A CRISE DO HUMOR NO MUNDO VIRTUAL

COLUNA DE PEDRO MONTANARO
COLABORAÇÃO DE EVERTON BRANDÃO

Em tempos em que o Mundo Virtual parece cada vez mais tomado por tramas densas, vinganças intermináveis e personagens que vivem permanentemente à beira de um colapso dramático, é curioso perceber como o humor praticamente desapareceu do mapa. E não foi sempre assim. Houve um momento em que o MV entendia que rir também era uma forma legítima de contar histórias e, principalmente, de olhar para si mesmo. Hoje, porém, a

sensação é de que a comédia virou território proibido. Talvez porque fazer humor exige algo que anda escasso por essas bandas: leveza, autocrítica e, sobretudo, a capacidade de lidar com o riso quando ele também aponta para nós.

Ao assistir ao trailer de *Todo Mundo em Pânico VI*, dos irmãos Wayans, fica impossível não pensar nisso. A proposta continua a mesma que transformou a franquia em um fenômeno: rir de tudo e de todos, sem escolher lado. Em menos de três minutos de prévia, o filme já deixa claro que ninguém está a salvo. A abertura paródia *M3gan*, com a boneca dançando antes de revelar um assassino clássico do terror. Mas a verdadeira virada está na reação da vítima, que corrige quem grita “ele esfaqueou ela” exigindo ser tratada por “elu”. A piada não está interessada em defender ou atacar um grupo específico, ela simplesmente expõe o absurdo de uma realidade em que tudo virou disputa moral. E é justamente aí que mora o poder da comédia: transformar certezas rígidas em algo risível.



Esse tipo de humor, que cutuca todos os lados sem pedir licença, parece cada vez mais raro no MV. Talvez porque a comédia, diferente do drama, exige que o autor aceite ser alvo da própria piada. E aí está um ponto sensível: muitos criadores do MV parecem confortáveis em escrever histórias cheias de moral e tensão, mas demonstram enorme dificuldade em lidar com críticas, especialmente quando elas vêm acompanhadas de humor ou ironia. O resultado é um ambiente em que quase tudo precisa ser levado a sério demais, como se rir fosse uma forma de desrespeito, e não de reflexão. O curioso é que o MV já provou que sabe fazer comédia quando quer. A série *Homem com H*, por exemplo, acabou se tornando uma das raras tentativas recentes de recuperar esse espírito mais leve e irreverente. Antes dela, porém, a lembrança mais forte ainda é *Perigosas Patricinhas*, frequentemente citada como a melhor comédia que o MV já produziu. Exibida em 2013, a série entendia algo fundamental: que o humor funciona melhor quando não se tem medo de exagerar, provocar e, principalmente, rir das próprias convenções do universo em que está inserido.



Talvez seja por isso que a proposta de *Todo Mundo em Pânico VI* soe quase refrescante hoje. Não porque o filme traga alguma grande tese filosófica — longe disso —, mas porque lembra algo que parece ter sido esquecido: o riso também é uma forma de crítica. Em um ambiente criativo onde tudo precisa ser interpretado como ataque pessoal, a comédia inevitavelmente perde espaço. E quando a comédia desaparece, o que sobra é um universo de histórias que se levam a sério demais e autores que, muitas vezes, também.



EVERTON: É isso, galera! Vamos rir! Vamos dar risada que não tem nada melhor do que isso. Enfim, o programa de hoje vai ficando por aqui. Até a próxima semana. Obrigado pela audiência, pela companhia! Um abraço e até mais!

UM PROGRAMA DE **EVERTON BRANDÃO**
CRIADO E ESCRITO POR **EVERTON BRANDÃO**
DIREÇÃO DE **GLAYDSON SILVA**
DIREÇÃO GERAL DE **JOÃO PAULO RITTER**
COLABORAÇÃO & REPORTAGEM DE **PEDRO MONTANARO**

REALIZAÇÃO

